

FCPF MAGAZINE

NÚMERO 123



ENTREVISTA A FRANCISCO RAMOS
REPORTAGEM COM JÚNIOR
WORKSHOP MONITORAMENTO GPS



CAMISOLAS OFICIAIS
JÁ DISPONÍVEIS



EDITORIAL

Por Paulo Gonçalves

O sentimento de orgulho na equipa e no Clube acabou bem mais acima do que a tristeza da eliminação da Taça de Portugal pelo bicampeão nacional e atual detentor do troféu. O que assistimos no passado sábado frente ao Sporting CP foi o reviver dos grandes momentos a que o Paços nos habituou em inúmeras épocas de I Liga.

A forma como os adeptos apoiaram a equipa, o espírito atrevido e combativo de todos os que em campo equiparam de amarelo e a incerteza sobre o vencedor até ao último lance dos 120 minutos de jogo foram, por si só, algo de que nos devemos orgulhar. É certo que foi o Sporting a seguir em frente na competição, mas o Paços esteve duas vezes na frente do marcador e foi preciso a infelicidade de um autogolo, já no prolongamento, para derrubar a brava equipa pacense.

O jogo, transmitido em canal aberto pela RTP, foi líder destacado das audiências televisivas na noite de sábado e um espaço privilegiado para elevar o prestígio de Paços de Ferreira e da Capital do Móvel. O Clube é, de longe, o maior ativo na divulgação do concelho aos quatro cantos do mundo. É no aproveitar deste prestígio que os pacenses devem apostar, quer tornando-se sócios, quer beneficiando de um retorno económico com a divulgação da sua marca.

Encerrada a página da Taça de Portugal é tempo de regressarmos ao que mais nos interessa – o campeonato. Todos esperamos que a imagem deixada há oito dias se transponha para o jogo desta tarde com o Portimonense. Não no resultado, como é óbvio, mas sim no espírito de equipa demonstrado. Se assim acontecer, não temos dúvidas de que a primeira vitória na prova irá acontecer para os Castores. Os cinco empates e duas derrotas concedidas até ao momento sabem a muito pouco para o crescimento que a equipa tem demonstrado. O Portimonense tem sido mais produtivo fora de sua casa e normalmente é um adversário “chato” na Mata Real, mas a hora é de mantermos a simbiose entre equipa e adeptos, rumo ao importante triunfo que nos escapa.

Francisco Ramos é o entrevistado da semana. Um jogador experiente e a quem os três meses de Mata Real já deixaram muito feliz com o que sentiu no Clube. E não tem dúvidas da recuperação da equipa na classificação. “O que falta a este grupo é sentir o sabor da vitória. Quando acontecer muita coisa vai melhorar!”.

Que assim seja neste início de tarde. Estamos todos cá para gritar “Força, Paços!”

FCPF MAGAZINE

NÚMERO 123 - Outubro 2025

Textos e Design: Sara Alves e Wevolved | Fotos: Telmo Mendes

Impressão: PaçoPrint | Tiragem: 1000 exemplares | Distribuição Gratuita

ENTREVISTA A FRANCISCO RAMOS

**“O PAÇOS ACREDITOU
EM MIM, CONFIA EM MIM, E
ESTOU MUITO FELIZ E AGRA-
DECIDO AO CLUBE POR ISSO”**



Exemplo no balneário pela sua experiência e conduta, e fora dele pela resiliência e capacidade de superar as contrariedades – mesmo que venham da forma mais inesperada. Francisco Ramos chegou ao FC Paços de Ferreira no verão de 2025. Este foi um regresso ao futebol português, depois de uma aventura na Polónia, onde viveu o momento mais duro da carreira e que o afastou dos relvados durante um ano e meio. Recuperado da lesão, ainda foi lá, no Radomiak, que voltou a jogar, mas é na Mata Real que se tem sentido novamente importante dentro das quatro linhas.

Passados três meses desta aventura na Mata Real, o que tem sido o Paços para ti?

O Paços tem sido tudo aquilo que me tinham falado: um clube especial, com infraestruturas de nível superior; um clube carismático também graças às pessoas que já cá trabalham há muitos anos e conseguem, diariamente, passar-nos o que é o Paços. Isso é muito importante. E há ainda os adeptos, que, apesar de todas as dificuldades, têm estado sempre presentes – tanto em casa como fora. Nestes três meses, o Paços já me marcou muito, e estou convicto de que me irá marcar mais ainda, porque, depois de tudo o que o clube passou, o futuro só poderá ser melhor.

Há algo que gostarias de destacar?

Poderia falar de várias coisas, mas escolho o jogo de sábado como o momento que mais me marcou até aqui. Porque a desconfiança perante o grupo tem existido, e acho que nesse dia demos uma resposta muito forte. Penso que toda a gente sentiu que temos equipa – e se todos remarmos para o mesmo lado, vamos encontrar o caminho certo. Claro que este momento só fará sentido com uma vitória frente ao Portimonense – que acredito que irá acontecer –, mas sinto no grupo que este pode ser um momento de revolta e de reviravolta.

Jogo esse que, inicialmente, muitos poderiam pensar que seria fácil para o Sporting, mas não foi. Leu-se e ouviu-se que a equipa “devia ser mais assim” no campeonato. Há, realmente, diferenças no comportamento?

Acho que não. Este tipo de jogos é diferente. Neste caso, a responsabilidade e a pressão estavam do lado do Sporting. Nós só tínhamos a ganhar. Desde que começamos a preparar este jogo, o mister passou-nos a mensagem de que era possível, e nós fomos absorvendo isso e falando uns com os outros. O nosso plantel é muito jovem, muitos jogaram contra uma equipa grande pela primeira vez, e era importante nós, jogadores mais velhos, passarmos uma mensagem de calma, de que era possível, e de confiança em quem nos lidera. Voltando à questão: acho que esta foi a mesma equipa que se viu nos outros jogos. E sei que pode parecer estranho o que vou dizer, mas o jogo com o Portimonense será, possivelmente, mais difícil. Aí teremos de assumir, temos outro tipo de pressão – temos de ganhar! E tudo isso influencia o jogo. Certo é que o plantel está a treinar diariamente de forma séria, e a correr para honrar o símbolo a cada jogo.



Mais do que uma mudança de atitude, houve uma mudança de circunstâncias?

Sim, é mesmo a circunstância do jogo.

É verdade que ainda não ganhamos para o campeonato, mas só perdemos duas vezes – o que também demonstra que somos competitivos. Se temos de jogar melhor ou de ser melhores tecnicamente é outra história... Agora o que eu acho é que falta a este grupo sentir o sabor da vitória. Quando isso acontecer, muita coisa vai melhorar. E acredito que está perto. Como disse, este é um grupo jovem, com muita gente a estrear-se numa liga profissional, e as coisas demoram tempo a construir e a cimentar. Mas estamos cada vez mais competitivos.

Até porque a equipa vai conseguindo ultrapassar as dificuldades. E se houve uma fase em que faltavam os golos, agora há uma fase em que há golos e só falta vencer...

É mesmo isso. Estamos a marcar dois golos por jogo há três jogos consecutivos e ainda não ganhamos nenhum. No início, era o 0-0, mas – lá está – agora estamos a conseguir marcar, criar. Estamos muito melhores do que no início do campeonato, o nosso jogo está a evoluir. Estamos a conhecer-nos melhor. Temos é de chegar a essa vitória, realmente. E está a custar. Acho que a primeira é a que vai custar mais, porque depois todo o ambiente à volta da equipa e do clube irá melhorar, assim como a confiança, e isso trará mais vitórias.

No jogo com o Sporting, também nas bancadas houve uma forte energia. Para vocês é importante que ela se faça sentir mais vezes.

É mesmo esse o ponto. Sei que o Paços não é um clube para este nível, mas esta é a nossa realidade no momento. E se queremos mudar essa realidade, precisamos de todos. É fundamental os adeptos perceberem a importância que têm nos jogos, pois só com

a ajuda deles será possível fazer algo diferente. Sei que é difícil pensar a longo prazo, porque queremos resultados imediatos – mas o resultado imediato também depende muito deles. Por isso, peço que nos apoiem durante os jogos. Mesmo que, às vezes, as coisas não estejam a correr bem, apoiem-nos, estejam lá. No final, sendo o resultado positivo ou não, cobrem-nos, se assim o entenderem. Mas precisamos muito de todos durante os 90 minutos. Juntos seremos muito mais fortes.

“PRECISAMOS MUITO DE TODOS DURANTE OS 90 MINUTOS. JUNTOS SEREMOS MUITO MAIS FORTES.”

Vamos focar-nos agora no teu percurso até aqui. Fala-nos da tua infância.

A minha família toda é ligada ao futebol. O meu pai jogou no Varzim, no Porto; o meu irmão também jogou no Varzim; o meu primo Neto fez uma carreira internacional; o Ricardo, presidente do Varzim, também é da minha família, então desde cedo que se respira futebol lá em casa. Um bocadinho influenciado pelo meu pai e pelo meu irmão mais velho, comecei a jogar no Varzim, quando tinha sete anos. Aos 13 mudei-me para o Porto, e foram dez anos de muitos sucessos – que culminaram com a minha estreia pela equipa principal. Partilhei o balneário com grandes jogadores, grandes homens. Consegui jogar no Estádio do Dragão, que é desde logo um objetivo quando entras no Porto e pensas a longo prazo – e é algo muito difícil, porque a competitividade é muito grande. Então, até aos 23 anos só representei dois clubes. Também consegui representar a seleção em vários escalões. Desde os Sub-16 à Seleção Olímpica fiz mais de 60 jogos. Ou seja, a

minha formação deu-me um bocadinho de tudo e estou muito grato por isso.

Pois é, além dos mundiais e europeus nos vários escalões da seleção, também foste aos Jogos Olímpicos. Como foi essa experiência?

Ainda que, no futebol, os Jogos Olímpicos não sejam a melhor competição, não é qualquer pessoa que tem o privilégio de representar Portugal. É uma competição diferente das outras – ainda por cima foi no Brasil, um país muito caloroso, com muita gente e que fala a nossa língua. Estar na Aldeia Olímpica com os melhores atletas de todas as modalidades, ver o dia a dia deles e comparar com o nosso, talvez tenha sido a melhor experiência da minha vida numa competição. Lá, o ginásio estava aberto 24 horas, e ver o esforço que o atleta individual faz quando acorda às 04h ou às 05h da manhã para ir treinar para tentar ganhar um segundo ou um centímetro é incrível. Aprendi a valorizá-los muito mais. A nível pessoal, representar Portugal e cantar o hino na competição mais prestigiada, foi mesmo a melhor experiência da minha vida em competições.

Quando começaste a jogar, o teu pai estava ainda a seguir a carreira de jogador?

Não, nessa altura já era treinador-adjunto, e depois passou a treinador principal. O meu pai fez uma vida toda no Varzim – ainda hoje está lá. Então, não tive a felicidade de o ver jogar, mas falam-me bem dele, então vou acreditar. [Risos]

No Varzim, já tinhas a ambição de ser jogador de futebol, ou ainda não era muito claro?

Olhava para a vida do meu pai, do meu primo ou do meu irmão, e dizia “Eu quero chegar ali”, ambicionava isso, mas sabia que o percurso era difícil. Ou seja, era mais um “Gostava, mas vamos ver”. Até que, por volta dos meus 17 ou 18 anos, as coisas começaram a ser mais sérias, o futebol



profissional estava à vista, começavam a chegar contratos... Tudo isso mudou a forma como via as coisas. Passei a levar tudo mais a sério, e cumpri o objetivo – porque o meu sonho era viver do futebol e é do futebol que eu vivo. Estou muito feliz.

Dar o salto para o Porto foi o primeiro «click»?

Fez-me ver que, se o Porto me vinha buscar, é porque se calhar tinha algum jeito. Na época também era mais alto do que os outros, e nessas idades isso influencia muito. Mas a verdade é que a ida para o Porto, além da parte futebolística e profissional, fez-me crescer muito como pessoa. Com 13/14 anos, apanhava o metro para o Porto às 6h da manhã, sozinho, e só regressava à Póvoa às 20h, porque estudava e treinava lá. A nível profissional, senti que era um upgrade. As idas à seleção, lutar por campeonatos, ter contratos com marcas de chuteiras... tudo isso começou a fazer sentido e percebi que podia ser possível. E foi. Com muito sacrifício, luta e superação.

Mesmo ficando perto de casa, houve mudanças significativas na tua vida e nas tuas rotinas. Adaptaste-te bem?

Sim. O meu pai e a minha mãe sempre me deram os melhores conselhos. A verdade é que se tu queres ser jogador de futebol, durante o teu percurso na juventude tens de abdicar de muita coisa – as saídas à noite, as férias com os teus pais, que só podem ser num período específico; até a alimentação é diferente. Para mim era importante fazer com que todo esse esforço valesse a pena no futuro. Praticamente troquei de cidade, mas consegui conservar os meus amigos da Póvoa, ganhei amigos no Porto através do futebol, da escola e da vida que fui tendo lá, e só ganhei com a mudança.

E que tipo de mensagem é passada no Porto, logo desde a formação?

Desde os escalões mais novos conseguem incutir a mesma mensagem até chegares ao topo: é formar a ganhar. O Porto é um clube com pessoas muito bairristas, e tu sentes isso mal entras lá.



“APRENDI A GANHAR MUITAS VEZES, MUITAS MAIS VEZES DO QUE PERDI, E APRENDI QUE O SABOR DA VITÓRIA É MUITO MELHOR”

FRANCISCO RAMOS

A ideia “é ganhar ou ganhar” existe, e foi o que mais aprendi. Aprendi a ganhar muitas vezes, muitas mais vezes do que perdi, e aprendi que o sabor da vitória é muito melhor. Quando o Porto perde, toda a gente sente ali dentro; e quando ganha todos sentem também. Há muita ambição. E a competitividade é constante. Podem achar que é fácil representar um clube como o Porto, porque estás nos melhores, mas não te podes esquecer que jogas com os melhores também – e se não fores tão bom como eles, no ano a seguir vão buscar outro, provavelmente. Ou rendes, ou estás fora. E eu tive a felicidade e competência de lá ficar até aos 23 anos.

Subiste etapa a etapa até à estreia pela equipa principal, em 2015/2016.

É o culminar. Já treinava habitualmente, ia às pré-épocas – mas faltava mesmo aquele último passo, e até pensei que a oportunidade pudesse passar, porque poderia não ter espaço. A estreia foi no Estádio do Dragão e foi memorável. Lembro-me como se fosse hoje, porque, realmente, foi especial. Quando chegas à estreia pela equipa principal não é à sorte. Ali ninguém te está a dar nada – se lá chegaste, foi pelo teu trabalho e porque te reconhecem competência. Depois, se te manténs ou não, vai depender de ti e das escolhas de quem está lá.

Nesse ano, foste campeão da Segunda Liga com a equipa B. Que memórias guardas dessa época?

Essa época começou um bocadinho mal, com algumas derrotas, mas depois tivemos uma sequência muito grande de jogos sem perder. Isto é a prova de que as coisas mudam muito rápido no futebol, e, às vezes, quando há uma certa desconfiança, de um momento para o outro tudo pode virar. Virou e fomos jogo a jogo. Em brincadeira no balneário, começamos a apontar esse objetivo. Tínhamos um grupo muito forte de miúdos com bom fundo, que viveram o Porto durante uns dez ou 12 anos, e isso foi muito importante. E tudo isso foi histórico também, porque acho que só uma vez no mundo tinha acontecido uma equipa B [a do Real Madrid] ganhar uma Segunda Liga. A forma como jogamos e a qualidade que apresentamos foi reconhecida, e foi especial.

E no final da temporada seguinte, saís para o Vitória SC. Em algum momento sentiste que te poderiam ter sido dadas mais oportunidades no Porto?

É certo que um jogador se sente sempre injustiçado, mas aquela foi uma altura de mudanças no Porto. Começou com o mister Lopetegui, depois veio o mister Peseiro, depois o mister Nuno Espírito Santo, depois o mister Sérgio Conceição... Ou seja, a nossa forma de jogar teria de agradar a todos, e essa instabilidade dificultou um bocadinho. Depois o mister Sérgio esteve lá sete anos, então, se ele realmente se identificasse com a tua forma de jogar e se tu fosses sempre competitivo, as coisas tornavam-se mais fáceis nesse sentido. Haveria um projeto, algo planeado. Além da competência, não é? Se eu não fiquei, é porque não fui competente naquele momento, e a melhor solução foi sair. E eu saí para um grande clube também, que me permitiu jogar em grandes palcos, jogar a Liga Europa. Representar um clube como o Vitória também é muito especial.

Ficaste em Guimarães um ano e meio, mas a segunda época não corre tão bem.

A segunda época foi mais atribulada. Foi com o mister Luís Castro, com quem tinha sido campeão na equipa B do Porto. E quando eu pensei que teria mais oportunidades, acabei por ter um período com menos utilização. Lá está, o futebol muda rápido. Mas mantive-me no Vitória e trabalhei muito para estar preparado quando chegasse a minha oportunidade – fosse ali ou noutro clube. E foi o que aconteceu em janeiro.

Quando foste emprestado ao Santa Clara. Foi uma experiência feliz depois da tal fase mais atribulada?

Muito feliz. Fui para um clube com um grupo muito especial que me recebeu muito bem. Foi um ano e meio a competir, fiz quase 50 jogos, e voltei a ter mesmo o gosto de jogar. Renasci um bocadinho, mostrei-me e não me arrependo. Fui para uma ilha linda e para um clube especial, por quem tenho carinho também.

De uma ilha saltaste para a outra. Em 2020/2021 passas a representar o Nacional, na Madeira.

Quando voltei para o Guimarães, tinha ainda mais um ano de contrato, mas apanhei outra mudança. Se calhar, se se tivesse mantido a mesma direção, poderia ter ficado, porque fui bem-sucedido no Santa Clara. Mas mudou a direção, o presidente; mudou quem toma as opções e decidimos assim. O Nacional tinha acabado de subir à Primeira Liga e não hesitei. Se já tinha estado nos Açores, por que não a Madeira? Deram-me boas condições a nível de estabilidade salarial e de anos de contrato, e foi uma opção boa. Fui muito feliz na Madeira, apesar da descida de divisão.

Logo na primeira época foi a primeira vez que lidaste com um momento mais difícil na carreira, como é uma descida de divisão...

Como disse, foi uma vida toda a ganhar. E quando comesas a lidar com a realidade da maioria dos clubes – que é ganhar, perder, empatar – tens também de saber lidar com isso. E eu acho que, apesar de tudo, soube. Nesse ano, ia já com uns 18 jogos, mas depois tive um problema no pâncreas que me deixou de fora nos últimos dois meses da época. Então, não vivi essa fase decisiva dentro de campo. Mas lembro-me perfeitamente de conviver com os meus colegas, e a frustração deles era a minha, porque a continuidade do clube na Primeira Liga – e a minha também – dependia mais deles. Confesso que foi difícil cair outra vez na realidade de ter de jogar na Segunda Liga, depois daqueles anos todos, mas o futebol é assim. Alguém teria de descer e fomos nós.

É a meio da tua terceira temporada no Nacional que se dá a oportunidade de ires para a Polónia. Foi a tua primeira vez fora do país. O que te levou a aceitar?

Eu ia acabar o contrato no Nacional e esta era a segunda vez que recebia a oportunidade de ir para o Rodomiak. No ano anterior, não quis ir, até pela envolvimento no Nacional – o presidente queria subir de divisão e não estava a deixar ninguém sair, porque queria mesmo esse objetivo. Mas no ano seguinte não hesitei. Era uma oportunidade de ir para o estrangeiro e mostrar-me noutro país; era uma nova experiência e davam-me muita estabilidade

A adaptação foi fácil?

Sim, porque tinha alguns jogadores que falavam português e isso ajudou. A Polónia não é um país fácil para nos integrarmos num plantel, porque os polacos têm uma mentalidade diferente. Acho que está cada vez melhor, pois lidam cada vez mais com o jogador estrangeiro, mas os jogadores mais velhos são mais frios, e isso dificultou um bocadinho. Mas foi uma questão de

pouco tempo, porque a Polónia também me conquistou como país – super evoluído, super seguro, e a nível económico, de poder, surpreendeu-me muito. Muito limpo, tudo muito organizado. Fui muito feliz lá.

O futebol polaco surpreendeu-te?

Muito. O jogador polaco era um jogador mais físico. Hoje em dia, o futebol polaco evoluiu muito, há muita gente a ir jogar para a Polónia, e o jogador polaco está a ser cada vez mais bem treinado. A Polónia tem 40 milhões de habitantes, um potencial enorme, e o jogador polaco está cada vez mais evoluído tecnicamente. Mesmo a nível de estádios, infraestruturas, adeptos – deste nível de campeonatos, acho que o polaco é seguramente o melhor. Os estádios também estão quase sempre cheios; qualquer clube mediano tem 8, 10, 12, 15 mil pessoas a ver. Sentem o futebol de outra forma. Essa é uma das coisas que me deixa com saudades.



Foi na Polónia, e numa fase ainda inicial, que tiveste o pior momento da carreira. O que é que muda a partir da lesão [fratura da tibia e do perónio]?

Tudo muda muito rápido, não é? Estava a fazer uma época consistente. Tinha chegado em janeiro, tinha feito os jogos todos, estava bem e o clube também, e de repente acontece isto. E depois tu também ficas na dúvida quanto ao teu futuro, “Será que jogo mais? O que será que vai acontecer?” Comecei a valorizar coisas que antes não valorizava tanto: o jogar, o desfrutar, o não me chatear com coisinhas menos importantes. Eu sei que falar é fácil, mas tento aplicar isto todos os dias, relembrando aquilo que já passei, principalmente essa fase da lesão. Tirou-me muita coisa, mas também me deu coisas boas e a vida é mesmo assim. Temos de saber dar a volta, e acho que consegui.

Disseste publicamente que houve muitas dúvidas quanto ao teu regresso e até mesmo se voltarias a andar. Tinha noção, numa primeira fase, de que era assim tão grave?

Eu saí do jogo e fui direto para a operação. Tinha de ser operado imediatamente, porque foi uma fratura exposta e havia o risco de infeção grave. Mesmo na estrutura da perna havia coisas que tinham de ser resolvidas de imediato. E quando és operado quatro vezes em sete dias, ficas mais 15 dias internado, vais ouvindo feedbacks noutro país onde o inglês nem sequer é o mais forte, dificultando a comunicação... tudo isso foi complicado. Sei que alguma informação me foi escondida no início, também para me proteger, então na altura eu não tinha bem noção. Mas, realmente, houve esse risco de amputação logo na segunda operação. Felizmente, os médicos fizeram um grande trabalho, e eu tive a sorte de ser operado por médicos muito, muito, muito competentes. No final, tudo o que eu queria era voltar

a andar. E comecei a andar, devagarinho, depois a correr, e depois a jogar.

Quanto tempo demorou a recuperação?

Foi um ano e seis meses à procura da melhor versão de mim; à procura de lidar da melhor forma com as pequenas dores e pequenas sensações que ia tendo. Fiz uma grande recuperação em Portugal, com os meus fisioterapeutas, que fizeram um grande trabalho. Com muita superação consegui recuperar e estou mesmo muito feliz.

É como é que se lida com tudo isso?

É importante ter o acompanhamento de alguém que explique bem como irá ser o processo e que te explique como funciona a nossa cabeça. É preciso muito esforço, mas é claro que vale a pena. Estares perto da família e dos amigos é importantíssimo, porque eles são a nossa maior força. E com eles o tempo vai passando. Os tratamentos são muito difíceis e exigem muito sacrifício. Acredito que as pessoas possam pensar que é algo leve, mais para a fisioterapia, mas é muito doloroso – e como foi uma lesão óssea, havia muita dor e desconforto. Então é preciso manter o espírito lá em cima para recuperares, voltares à tua forma, superares a dor. Tudo isto serviu para, atualmente, não me queixar à mínima coisa.

“E AQUI NO PAÇOS VOLTEI A JOGAR COM REGULARIDADE; VOLTEI A SENTIR-ME IMPORTANTE.”

FRANCISCO RAMOS

Qual foi a sensação de pisar o relvado novamente? Há medo?

Nunca houve medo, sinceramente. Nunca tive medo de pôr a perna outra vez. Como dizia o médico, “essa não parte mais” – e é verdade. [Risos] Mas foi estranho regressar. Porque uma coisa é treinar sozinho, outra é voltares a estar com os teus colegas e sentires o ritmo deles e do teu adversário. No início, eu até achava que já estava bem, mas depois comecei a pôr-me a prova, a interiorizar as coisas, e percebi que não estava e que precisava de mais tempo. E os treinadores que eu tive neste percurso e que me foram “gerindo” fizeram a escolha certa, porque, por vezes, o jogador é um pouco injusto, só pensa no corpo dele ou na cabeça dele. Mas foi uma grande recuperação, com uma excelente gestão.

Depois de recuperares, ainda fazes alguns jogos na Polónia. Mas é aqui no Paços que estás a recuperar a tua forma anterior?

Sim. Como dizem, quando paras um ano e meio depois de uma lesão destas, precisas de mais um ano e meio para voltares à tua forma. Uma lesão como esta muda muita coisa, até dentro do relvado – a forma como corres, a forma de pôr o pé à bola. E aqui no Paços voltei a jogar com regularidade; voltei a sentir-me importante. Depois da lesão, muita gente desconfiou de como eu poderia estar ou até se voltaria a conseguir jogar. E isso mexe connosco, mesmo depois de tudo o que fizemos na carreira. O Paços acreditou em mim e confia em mim, e eu sou muito agradecido ao clube por isso e estou muito feliz aqui. Tenho três anos de contrato e digo, com a maior sinceridade, que gostaria de cumprir esses três anos e elevar o Paços ao lugar onde merece estar. Neste momento, é o objetivo. O futuro será bom para nós – só precisamos de sentir o sabor da vitória.



SÃO MUITOS ANOS A DEFENDER O AMARELO

Entra connosco em campo, ainda que não seja para jogar a bola. Não consegue marcar golos, mas sabe como criar e agregar valor entre a marca, o clube e os adeptos. Falamos da Solverde.pt, «main sponsor» do FC Paços de Ferreira e, mais do que isso, fiel parceira do clube ao longo dos últimos seis anos – com quem criou uma forte ligação que é “muito mais do que um patrocínio na camisola”.



Como refere o slogan, “São muitos anos”. Seis, mais concretamente. A Solverde.pt, site de casino online e de apostas desportivas pertencente ao Grupo Solverde – sendo mesmo o maior casino online de Portugal – é parceira do FC Paços de Ferreira desde 2019, ano em que se tornou um dos patrocinadores oficiais do clube. A excelente ligação criada entre ambas as partes foi quase imediata, e, em 2021, a Solverde.pt passou a ser o «main sponsor» da equipa de futebol profissional dos Castores.

Quando a Solverde.pt decidiu entrar no mercado do desporto, nomeadamente no futebol, elaborou uma lista de clubes que tinha como referência e com quem gostaria de trabalhar. O Paços integrava essa mesma lista: “Queríamos associar-nos a marcas com reconhecimento dentro público ligado ao desporto, e, obviamente, o Paços estava nesse lote. A credibilidade e o reconhecimento que o clube tem no panorama nacional, aliados à sua resiliência, sede de vencer, vontade de crescer continuamente e alcançar cada vez melhores resultados são valores que vão ao encontro dos valores da Solverde.pt. Estas são duas grandes marcas, com história nas respetivas áreas, e casam muito bem”. Quem o diz é Carlos Ferreira, gestor de patrocínios da Solverde.pt.



“QUERÍAMOS ASSOCIAR-NOS A MARCAS COM RECONHECIMENTO DENTRO DESTE PÚBLICO LIGADO AO DESPORTO, E, OBVIAMENTE, O PAÇOS ESTAVA NESSE LOTE”

CARLOS FERREIRA - GESTOR DE PATROCÍNIOS DA SOLVERDE.PT

Com a sua posição cada vez mais cimentada no mundo do futebol, a Solverde.pt foi reduzindo o número de clubes a patrocinar, apostando numa “maior seletividade”. Manter a parceria com o FC Paços de Ferreira é o sinal mais claro do sucesso desta união – e que passa também pelas boas relações existentes entre os profissionais de ambas as entidades. “Ao longo dos anos, a evolução da relação profissional entre os membros da Solverde.pt e do Paços tem sido ótima.

O Paços foi sempre um clube de referência para nós; é exemplar a trabalhar com o sponsor. É certo que para nós é muito mais fácil fazer ações e ativações quando o clube está na Primeira Divisão, pois a exposição e o dinamismo são totalmente diferentes, mas, mesmo na Segunda Liga, tentamos criar valor. Já que não podemos marcar golos, que possamos ajudar o clube a alcançar mais sucesso junto do seu público”, afirma Carlos Ferreira.



LADO A LADO EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS

Em 2019, ano em que tudo começou, o FC Paços de Ferreira militava no primeiro escalão do futebol português. Mas mesmo com a despromoção à Segunda Liga na temporada 2022/2023, a parceria teve continuidade e, posteriormente, voltou a ser renovada. “Soubemos adaptar-nos à nova realidade. O Paços é um clube que muito nos honra e com quem gostamos de trabalhar, por isso a descida de divisão não ia interromper este projeto. Aliás, sempre que a Solverde.pt quer implementar algo diferente no mercado do futebol, um dos clubes que contactamos primeiro é, efetivamente, o Paços”, reforça. E ainda que o patamar competitivo atual não seja o mais apelativo para “ações e investimentos”, a Solverde.pt mostra-se sempre “atenta ao mercado para criar e valor e atrair mais pessoas ao estádio” à medida que a época desportiva se desenrola.

Mais do que “um simples patrocinador de camisola”, a Solverde.pt quer apoiar e fazer a diferença. “Queremos criar uma relação 360: estar presentes em todos parâmetros, criar ações de valor entre o clube e os adeptos, criar ações de valor de ativação de marca que possam levar mais gente ao estádio, dar a conhecer a nossa empresa. Estamos sempre dispostos a participar em qualquer iniciativa que o Departamento de Marketing do FC Paços de Ferreira nos faça chegar”, reitera Carlos Ferreira. Já vários projetos uniram a Solverde.pt e o clube nos últimos anos. De destacar, por exemplo, a campanha de solidariedade social de 2021 «Solve.pt – Artista de Bancada», em parceria também com o Pingo Doce, a Fundação

do Futebol, a Câmara Municipal de Paços de Ferreira e a União Audiovisual, com vista a apoiar os profissionais da Cultura, ou a iniciativa «Adepto de Luxo», em 2023, na qual a lealdade de alguns sócios do clube foi premiada com “tratamento VIP” num jogo realizado no Estádio Capital do Móvel. Para o futuro, o desejo de Carlos Ferreira é o mesmo de todo o universo pacense – “que o Paços volte ao lugar de onde nunca deveria ter saído, pela sua história e por tudo o que o clube significa”.

“Sabemos que o clube está a atravessar um dos períodos mais difíceis da sua história, mas é também nestes momentos que todos devemos agregar força para criar valor e levar o Paços onde merece estar. Nestas alturas, é quando mais gente desaparece da órbita do clube, mas nós não o fazemos e esperamos continuar a colaborar. O Paços é um histórico e o clube com mais anos de presença na Solverde.pt, e isso mostra bem o que significa para nós. Não sabemos se será daqui a um ano, dois anos, mas sabemos que a camisola amarela com Solverde.pt vai voltar a ser vista na Primeira Divisão, porque as pessoas que estão a frente do projeto do Paços dão-nos confiança para acreditarmos nisso”, conclui.

“JÁ QUE NÃO PODEMOS MARCAR GOLOS, QUE POSSAMOS AJUDAR O CLUBE A ALCANÇAR MAIS SUCESSO JUNTO DO SEU PÚBLICO”



BREVES FCPF

TRIO PACENSE EM COMPROMISSOS INTERNACIONAIS

O mês de outubro trouxe uma nova ronda de jogos para as seleções de futebol. A Lumungo e Nito, que já tinham sido chamados para os confrontos de setembro, juntou-se, desta vez, o estreante Vlad.

O jovem médio do FC Paços de Ferreira foi convocado para representar a seleção portuguesa Sub-17, no Torneio Internacional de Pinatar, e esteve em destaque. Vlad participou nos três jogos realizados pela Equipa das Quinas – diante da Irlanda do Norte [vitória por 4-1], dos Países Baixos [derrota por 3-2] e dos Estados Unidos da América [derrota por 2-3] – e marcou nos dois primeiros.

Ao serviço de São Tomé e Príncipe, nas últimas jornadas para o apuramento para o Mundial 2026, Ronaldo Lumungo foi titular e cumpriu os 90 minutos do jogo com a Tunísia [0-6]. A situação repetiu-se na partida com o Malawi, na qual fez ainda o único golo do encontro, que garantiu a vitória santomense [1-0]. Este foi o terceiro golo de Lumungo pela sua seleção em 2025.

Também Nito Gomes voltou a defender as cores da Guiné-Bissau. Frente a Etiópia foi titular e jogou até aos 84 mins. Por outro lado, diante do Egito, foi suplente não utilizado.



ANILSON ELEITO JOGADOR DO MÊS (SET) PELOS COLEGAS

O plantel do FC Paços de Ferreira elegeu Anilson como o Jogador do Mês Solve.pt de setembro. O defesa direito brasileiro foi quem reuniu o maior número de votos por parte dos seus colegas e não escondeu a felicidade “por ver o trabalho a ser reconhecido”.

“Acima de tudo, dedico este prêmio aos meus colegas, pois, se não fossem os jogadores e a equipa técnica, eu não conseguiria esse feito. Fico muito feliz por estar a contribuir mais nesta época do que na anterior, e espero que possamos continuar neste registo”, afirmou. Para Anilson, este reconhecimento do seu “esforço e trabalho, tanto nos jogos como nos treinos” é “muito gratificante”, e traz uma confiança extra para os próximos desafios: “Sinto-me mais confiante e sinto que eles também confiam em mim. Isso é muito importante no futebol”.

Anilson aproveitou este momento para também deixar um agradecimento aos adeptos que têm apoiado toda a equipa. “Estamos nesta caminhada não só aos fins de semana, mas diariamente, para que possamos trazer alegrias a todos os que torcem verdadeiramente pelo Paços”, concluiu.

Durante o mês de setembro, Anilson cumpriu os 90 minutos dos três jogos realizados (SCU Torreense, GD Nazarenos e FC Porto B) e marcou dois golos.



AFINAL, É BOM VOLTAR ONDE JÁ SE FOI FELIZ

Quem se lembra de
MANOEL JÚNIOR ?

O adepto que acompanhou o FC Paços de Ferreira nos primeiros anos de 2000 lembra-se, certamente, de Júnior. O médio brasileiro que conquistou os pacenses ao longo de quatro temporadas e cerca de 120 jogos esteve de visita à Mata Real – lugar que continua a ser casa e onde deixou a sua marca dentro e fora das quatro linhas.



Talvez errado estivesse quem um dia disse que não devemos voltar ao lugar onde já fomos felizes. Ou, pelo menos, não estava totalmente certo. Ou, melhor ainda, talvez isto do ser ou não ser feliz nem tenha nada a ver com os lugares. O ideal é não levar a expressão demasiado a sério, já que nos lugares onde já fomos felizes residem, a tempo inteiro, memórias que nos põe um sorriso no rosto de cada vez que voltamos – independentemente do tempo que tenha passado.

“O regresso a esta casa traz-me muita alegria ao coração. Rever os amigos, reviver uma história incrível e marcante na minha vida, traz-me muitas emoções. Depois de andar pela cidade, ao chegar aqui à Mata Real fiquei muito emocionado”. Assim começa a conversa com Manoel Júnior – só Júnior no mundo do futebol – numa manhã de sábado, num palco que bem conhece. Júnior chegou à Mata Real no início dos anos 2000, e foi mais uma das descobertas que a direção de Hernâni Silva fez no Brasil, onde era normal ir em prospeção de pré-época. Foi, aliás, dessa forma que também chegaram Beto, Glauber, Everaldo, Leonardo, entre outros que brilharam pelo Paços e ajudaram a cimentar o clube na Primeira Liga com resultados promissores.

Desde cedo, o atleta brasileiro que atuava como médio destacou-se pelas suas qualidades oratórias e de liderança entre os seus compatriotas. Um estatuto que se estendia ao terreno de jogo, onde a grande fibra e entrega na disputa de cada lance o fizeram facilmente cair no guto dos adeptos pacenses. Era um líder no meio-campo, com chegada rápida ao ataque, e dono de um pontapé forte que rendeu golos importantes à equipa – dois deles particularmente memoráveis.

“O futebol aqui no Paços de Ferreira foi muito marcante para mim. Foi para isso mesmo que eu vim, na verdade. Vêm-me à memória muitos jogos incríveis neste estádio, mas há claramente um que se destaca, que é também o que as pessoas mais comentam: o último jogo da época 2005/2006, diante do Benfica”, recorda. Nessa altura, a situação vivida pela equipa era bastante delicada. À entrada para a última jornada do campeonato, o FC Paços de Ferreira corria o risco de descer de divisão. Só uma vitória assegurava garantidamente a permanência – e, do outro lado, estava o SL Benfica: “Não dá para esquecer esse momento; é impossível. Nós tínhamos uma semana bem difícil e a pressão era enorme. Enfrentávamos o maior clube português da história e tínhamos a obrigação de vencer”.

“O FUTEBOL AQUI NO PAÇOS DE FERREIRA FOI MUITO MARCANTE PARA MIM” MANOEL JÚNIOR

Ao intervalo, o Paços perdia por uma bola a zero. A história começou a compor-se pouco depois do arranque da segunda parte. “Logo no início (49’) o Edson fez o empate, que não era suficiente. Uns largos minutos depois (78’), marco o segundo, num remate de fora da área, e já nos descontos (90+3’) consigo marcar o terceiro. Aí veio aquela comemoração que ficou marcada na minha vida – e creio que na dos adeptos – que é quando



portpallet®
Metal Pallets

vou a correr em direção ao banco e faço o sinal com os braços de que acabou. Acabou o stress, acabaram os problemas, acabou a aflição”, sorri.

Jogar na Mata Real era particularmente difícil naquele tempo. Os ditos «grandes» sabiam-no, e não era o lugar que o Paços pudesse ocupar na tabela que mudava essa realidade. O relvado de dimensões mais reduzidas, a proximidade das bancadas, a energia que delas pulsava graças aos adeptos... tudo tornava a experiência do adversário complicada. “Sempre foi um grande desafio para os adversários e sempre foi muito motivador para nós. A relação que tínhamos com o adepto era muito próxima, íntima. Ainda hoje digo que o Paços não era formado apenas por atletas e jogadores, mas por uma cidade inteira que vestia a camisola e entrava connosco”, refere. A convivência entre jogadores e adeptos era diária. As derrotas sentiam-se de perto e as alegrias eram efusivamente celebradas em conjunto. “Jogávamos por eles. Era uma relação muito próxima, muito importante, e que eu acredito que sempre foi, e deve ser, a marca do Paços”.

Esta foi a primeira vez que Júnior visitou o estádio, depois da última reestruturação. As mudanças são muitas, e não podiam deixá-lo mais feliz: “O Paços merecia este crescimento, pois sempre lutou muito para o conseguir. O que me é particular e me deixa muito envaidecido é saber que eu, assim como tantos outros que por cá passaram, contribuímos para isso – fazendo com que o clube permanecesse na primeira divisão, crescesse, sonhasse. Ver o que o Paços tem crescido e evoluído deixa-me orgulhoso”. É certo que o momento vivido pelo clube, atualmente, está longe do desejado. Júnior, contudo, não tem dúvidas de que o FC Paços de Ferreira voltará às glórias de outrora, de

um passado ainda muito presente. E, para isso, o papel dos adeptos será fundamental: “Continuem apaixonados por este clube. Já vivemos muitos momentos difíceis no passado e sem a vossa ajuda, sem a vossa crença, também não teríamos conseguido ultrapassá-los. Por isso, apoiem o Paços, amem o Paços e façam como diz o nosso lema: “Por Paços, Esforço e Vitória”.

VIVER O CLUBE E TAMBÉM A CIDADE

A liderança pelo exemplo estendia-se para fora do campo, onde juntou a religiosidade à capacidade de motivação pela oração. Conhecido entre os companheiros por «Pastor», Júnior fez dessa faculdade uma prática semanal, onde reunia compatriotas e atletas portugueses que acediam à sua palavra. Também por isto, para ele o FC Paços de Ferreira ia bem para lá dos muros da Mata Real – e tanto o clube como a cidade “seguem-no” além-fronteiras. “Acompanhar o Paços não significa apenas acompanhar o Futebol Clube de Paços de Ferreira. Significa acompanhar e viver a cidade de Paços de Ferreira. Deixei muitos amigos aqui. Deixamos uma Igreja que plantamos quando cá jogávamos e onde recebemos muitos atletas, muitos portugueses, e isso estreita ainda mais esta relação”, afirma.

Depois de Paços de Ferreira, Júnior seguiu para uma aventura de quase nove anos na Grécia, antes de retornar ao Brasil, onde encerrou a carreira aos 41 anos. Atualmente, continua ativo na sua igreja, sendo o Pastor que ajuda muitos futebolistas no seu processo de fé – desde sempre parceira espiritual no desporto.

WORKSHOP

APLICAÇÃO PRÁTICA NO FUTEBOL

MONITORAMENTO GPS



O FC Paços de Ferreira e a PerCursos - Formação, Media & Sports uniram esforços para promover um programa de formações e workshops especializados na área do futebol, direcionado a todos os profissionais e entusiastas do treino desportivo.

Durante o workshop, os participantes vão aprender a recolher, interpretar e aplicar dados de GPS no treino e na competição, potenciando decisões técnicas e científicas mais eficazes. As vagas são limitadas.

15 DE NOVEMBRO

FC PAÇOS DE FERREIRA

FORMADOR DIOGO MOTA

PREPARADOR FÍSICO DO FCPF

0.8 UC ATRIBUÍDAS

INSCRIÇÃO ATRAVÉS DO QR CODE



LIGA PORTUGAL MEU SUPER

FC PAÇOS DE FERREIRA

2 2

FC PORTO B

Jornada 6



Jor 7

UD OLIVEIRENSE

2 2

FC PAÇOS DE FERREIRA



MELHOR MARCADOR
COSTINHA

2 GOLOS



MÉDIA DE
ESPECTADORES

2078

10º Lugar



CALENDÁRIO - PRÓXIMOS JOGOS

LIGA PORTUGAL MEU SUPER



BENFICA B

QUI 30 OUT 18:00



LEIXÕES SC

DIA E HORA POR DEFINIR



PAÇOPRINT
artes gráficas

PaçoPrint
A sua marca gráfica

